

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA**

LUANA BONALUME PEREIRA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO: CLÍNICA MÉDICA E
CIRÚRGICA DE ANIMAIS SILVESTRES E PETS NÃO CONVENCIONAIS**

**CAXIAS DO SUL
2025**

LUANA BONALUME PEREIRA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO: CLÍNICA MÉDICA E
CÍRURGICA DE ANIMAIS SILVESTRES E PETS NÃO CONVENCIONAIS**

Relatório de estágio curricular obrigatório na área de clínica médica e cirúrgica de animais silvestres e pets não convencionais, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Medicina Veterinária pela Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Prof^ª. Me. Mariana Polesso Mazzuchini

Supervisor: Biólogo Cristiano Dalla Rosa

**CAXIAS DO SUL
2025**

LUANA BONALUME PEREIRA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO: CLÍNICA MÉDICA E
CIRÚRGICA DE ANIMAIS SILVESTRES E PETS NÃO CONVENCIONAIS**

Relatório de estágio curricular obrigatório na área de clínica médica e cirúrgica de animais silvestres e pets não convencionais, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Medicina Veterinária pela Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Prof^ª. Me. Mariana Polesso Mazzuchini
Supervisor: Biólogo Cristiano Dalla Rosa

Aprovada em: __/__/2025

Banca Examinadora

Orientadora Prof^ª. Me. Mariana Polesso Mazzuchini – Orientadora
Universidade de Caxias do Sul

Prof. Me. Gustavo Brambatti – Avaliador 1
Universidade de Caxias do Sul

Med. Vet. Bruna Bertin Fenner – Avaliador 2
Universidade de Caxias do Sul

Dedico este trabalho aos meus pais, que estiveram ao meu lado durante toda essa jornada e não mediram esforços para que eu pudesse concluir minha formação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Agenor e Guiomar, por todo o apoio, amor, esforço e dedicação ao longo desses anos. Vocês foram fundamentais para que eu pudesse concluir minha graduação e realizar este sonho, que é tanto meu quanto de vocês. Ao meu irmão, Lucas, minha gratidão pelo companheirismo e conselhos. À minha querida vó, obrigada por seu carinho, afeto e atenção em momentos difíceis. Sem dúvidas, todo cuidado, incentivo e apoio de vocês foram essenciais para que chegasse até aqui.

Agradeço também ao meu namorado, Guilherme, que esteve ao meu lado em todos os momentos, desde os mais difíceis, com medos, ansiedade e angústias, até os mais felizes, de alegrias, conquistas e superação. Sua paciência, amor, incentivo e compreensão foram fundamentais nesse período. Ao meu fiel companheiro de quatro patas, Jorge, que com sua presença, trouxe paz e conforto em meio aos desafios.

Aos meus amigos, obrigada por todo apoio, risadas, choros e conselhos. Sem vocês, este caminho teria sido bem mais difícil.

Agradeço aos meus colegas e professores de graduação, por toda paciência, sabedoria e conhecimentos compartilhados durante esses anos. Suas aulas, orientações e conselhos foram essenciais para meu crescimento profissional e para enriquecer minha formação.

À minha orientadora, professora Mariana Polesso Mazzuchini, agradeço pelo empenho e suporte durante essa etapa tão desafiadora. Suas orientações, sugestões e palavras tranquilizadoras foram fundamentais para que eu enfrentasse esse desafio com mais segurança.

Por fim, agradeço a todos os profissionais, estagiários e funcionários do UCS Zoo e IHVET. Obrigada pelo acolhimento, pelo apoio, pelas risadas e por todo conhecimento transmitido. Sem dúvidas, vocês foram essenciais para tornarem esse período mais leve e especial. Foi uma experiência incrível.

RESUMO

Nos últimos anos, a medicina veterinária voltada para animais silvestres e pets não convencionais tem ganhado destaque, tornando-se essencial a atuação de especialistas no manejo e reabilitação desses animais. O estágio curricular obrigatório em medicina veterinária nessa área mostrou os desafios reais e adquiriu para a estagiária curricular conhecimentos e práticas sobre clínica médica, conservação e reabilitação da fauna silvestre. O estágio foi realizado no Zoológico da Universidade de Caxias do Sul (UCS Zoo) e no Instituto Hospitalar Veterinário (IHVET), sob a supervisão do Biólogo Cristiano Dalla Rosa e orientação da Prof. M.V. MSc. Mariana Polesso Mazzuchini, totalizando 417 horas. O relatório aborda a descrição dos locais de estágio, incluindo as atividades, procedimentos ambulatoriais e cirurgias acompanhadas e realizados, além de relatar dois casos clínicos. Dentre a rotina clínica, foi possível acompanhar diversos casos clínicos na área de animais silvestres e pets não convencionais. Um total de 44 animais foram recebidos e atendidos por meio de órgãos ambientais durante o período de estágio. No quesito afecções, o sistema musculoesquelético foi o mais acometido entre os pacientes, totalizando 42% (n=21) dos casos, seguido de afecções do sistema tegumentar 28% (n=14) e digestivo 20% (n=10). Já as aves, foram às espécies com maior número de atendimentos, totalizando 47,74% (n=21). Dentre os casos clínicos, o manejo e tratamento de prolapso retal e de pododermatite em uma tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*); e um protocolo terapêutico para uma jabuti-tinga (*Chelonoidis denticulata*) apresentando distocia foram relatados e discutidos. O estágio curricular obrigatório foi fundamental para a formação acadêmica, aprimorando conhecimentos e experiências práticas na área clínica, manejo e conservação de animais silvestres e pets não convencionais.

Palavras-chave: animais silvestres; distocia; jabuti-tinga; pododermatite; prolapso retal; tatu-galinha.

ABSTRACT

In recent years, veterinary medicine focused on wildlife and non-conventional pets has gained prominence, making the role of specialists in the management and rehabilitation of these animals essential. The mandatory curricular internship in this field provided firsthand experience of real challenges and enabled the intern to acquire knowledge and practices related to medical clinics, conservation, and wildlife rehabilitation. The internship was conducted at the University of Caxias do Sul Zoo (UCS Zoo) and at the Veterinary Hospital Institute (IHVET), under the supervision of Biologist Cristiano Dalla Rosa and advised by Professor D.V.M. MSc. Mariana Polesso Mazzuchini, achieving 417 hours of internship. The report describes the internship locations, activities, outpatient procedures, and surgeries observed and performed, as well as two specific clinical cases. Throughout the clinical routine, numerous cases involving wildlife and non-conventional pets were monitored. A total of 44 animals were received and treated through environmental agencies during the internship period. Regarding medical conditions, the musculoskeletal system was the most affected among patients, accounting for 42% (n=21) of cases, followed by tegumentary conditions (28%, n=14) and digestive conditions (20%, n=10). Birds were the most frequently admitted species for treatment, making up 47.74% (n=21) of cases. Among the clinical cases reported, the management and treatment of rectal prolapse and pododermatitis in a nine-banded armadillo (*Dasypus novemcinctus*); and a, therapeutic protocol applied to a yellow-footed tortoise (*Chelonoidis denticulata*) experiencing dystocia were described and discussed. The mandatory curricular internship was fundamental for academic training, enhancing knowledge and hands-on experience in clinical practice, animal management, and wildlife conservation.

Keywords: dystocia; nine-banded armadillo; pododermatitis; rectal prolapse; wildlife; yellow-footed tortoise.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fachada e entrada principal do UCS Zoo.	15
Figura 2 – Fachada Instituto Hospitalar Veterinário da Universidade de Caxias do Sul.....	16
Figura 3 – Exemplos de recintos externos do UCS Zoo.....	17
Figura 4 – Serpentário do UCS Zoo. (A) Fachada do Serpentário. (B) Recintos do Serpentário. (C) Sala de estudos/reuniões. (D) Sala de armazenamento.....	20
Figura 5 – Recintos de internação e alojamento no UCS Zoo. (A) Setor Extra. (B) Recintos internos.	21
Figura 6 – (A) Cozinha para preparo de alimentos. (B) Sala de armazenamento. (C) Copa dos funcionários. (D) Sala de necropsia.....	22
Figura 7 – Ambulatório do UCS Zoo.	23
Figura 8 – Setores e consultórios dentro do IHVET. (A) Setor de atendimento de Animais Silvestres. (B) Exemplos de incubadora e UTA do setor de silvestres. (C) Exemplos de gaiolas do setor de silvestres. (D) Consultório clínico de especialidades.	24
Figura 9 – Sala de ultrassonografia. Na imagem, contenção física para exame abdominal em fêmea de bugio-ruivo (<i>Alouatta guariba</i>) com suspeita de prenhez.	24
Figura 10 – Enriquecimentos alimentares para os animais do plantel do zoológico. (A) Dobradura de papel pardo com couve e pinhão para bugios-ruivo. (B) Caixas de ovo forrageadas com pinhões para psitacídeos.....	25
Figura 11 – Exemplo de um recinto montado no setor Extra para um tucano-de-bico-verde (<i>Ramphastos dicolorus</i>) para posterior soltura.....	27
Figura 12 – Eletrocardiograma realizado no IHVET em gralha-azul (<i>Cyanocorax caeruleus</i>), 23 anos, pertencente ao plantel do UCS Zoo com suspeita de problema cardíaco.	28
Figura 13 – Tatu-galinha da espécie <i>Dasybus novemcinctus</i> , fêmea, aproximadamente seis meses de idade, pesando 2,400 kg atendida no ambulatório do UCS Zoo na Universidade de Caxias do Sul.....	36
Figura 14 – Prolapso retal identificado durante exame clínico na paciente tatu-galinha (<i>Dasybus novemcinctus</i>).....	37
Figura 15 – Procedimento de reposicionamento retal em tatu-galinha (<i>Dasybus Novemcinctus</i>). (A) Paciente mantida sob oxigenioterapia e aquecimento durante procedimento. (B) Lavagem da mucosa retal com compressas de gaze em água gelada aplicada topicamente.	38

Figura 16 – Reposicionamento anatômico do reto e sutura bolsa de tabaco, realizados na paciente tatu-galinha (<i>Dasypus novemcinctus</i>).....	39
Figura 17 – Recinto no qual a paciente tatu-galinha (<i>Dasypus novemcinctus</i>) foi transferida.	40
Figura 18 – Pododermatite identificada em membros posteriores na paciente tatu-galinha (<i>Dasypus novemcinctus</i>) durante manejo.	41
Figura 19 – Caixa contendo substrato de fibra de coco e feno inserido no recinto da paciente tatu-galinha (<i>Dasypus novemcinctus</i>).....	41
Figura 20 – Paciente jabuti-tinga (<i>Chelonoidis denticulata</i>), 17 anos, fêmea, pesando 7,650 kg, proveniente do plantel do UCS Zoo, recebida para atendimento no IHVET.	46
Figura 21 – Tomografia computadorizada realizada na paciente <i>Chelonoidis denticulata</i> , evidenciando as cascas espessas dos ovos retidos.....	47
Figura 22 – Paciente <i>Chelonoidis denticulata</i> em Unidade de Tratamento Animal (UTA).	48
Figura 23 – Ovos após postura com diferentes tamanhos, formatos e espessuras.	48

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Casos clínicos acompanhados durante o período de estágio curricular no UCS Zoo e IHVET.....	31
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Espécies e quantidades de mamíferos pertencentes ao plantel do Zoológico da Universidade de Caxias do Sul (UCS Zoo) durante o período de estágio curricular.	18
Tabela 2 – Espécies e quantidades de aves pertencentes ao plantel do Zoológico da Universidade de Caxias do Sul (UCS Zoo) durante o período de estágio curricular.	18
Tabela 3 – Espécies e quantidades de répteis pertencentes ao plantel do Zoológico da Universidade de Caxias do Sul (UCS Zoo) durante o período de estágio curricular.	19
Tabela 4 – Procedimentos e atividades realizadas e/ou acompanhadas durante o período de estágio curricular no UCS Zoo.	29
Tabela 5 - Procedimentos e atividades realizadas e/ou acompanhadas durante o período de estágio curricular no IHVET.....	30
Tabela 6 – Afecções acompanhadas na rotina de atendimentos clínicos do UCS Zoo e IHVET durante o período de estágio curricular.....	32
Tabela 7 – Procedimentos cirúrgicos acompanhados durante o período de estágio curricular no UCS Zoo e IHVET.....	32
Tabela 8 – Espécies e quantidade de animais de vida livre recebidos por órgãos ambientais durante o período de estágio curricular no IHVET e UCS Zoo.	33
Tabela 9 – Destinação dos animais de vida livre atendidos durante o período de estágio curricular no UCS Zoo e IHVET.	34

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – FICHA DE ATENDIMENTO CLÍNICO DO ZOOLOGICO DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL (UCS ZOO).	56
ANEXO B – FICHA CLÍNICA DOS ANIMAIS PROVENIENTES DO PLANTEL DO ZOOLOGICO DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL (UCS ZOO).	57
ANEXO C – FICHA DE ATENDIMENTO CLÍNICO DO INSTITUTO HOSPITALAR VETERINÁRIO DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL (IHVET).	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS E SÍMBOLOS

BID	<i>bis in die</i> (duas vezes ao dia)
et al.	e outros
FC	frequência cardíaca
FR	frequência respiratória
GEAS	Grupo de Estudo de Animais Selvagens
g	gramas
IHVET	Instituto Hospitalar Veterinário da Universidade de Caxias do Sul
IM	intramuscular
kg	quilogramas
Me.	Mestre
mg/kg	miligrama(s) por quilograma(s)
ml	mililitro(s)
MPA	medicação pré-anestésica
M.V.	Médico(a) Veterinário(a)
NaCl	cloreto de sódio
PAS	Pressão arterial sistólica
PATRAM	Patrulha Ambiental da Brigada Militar
REPRAAS	Rede de Proteção Ambiental e Animal
RS	Rio Grande do Sul
RT	Responsável técnico
SEMMA	Secretaria Estadual do Meio Ambiente
SID	<i>semel a die</i> (uma vez ao dia)
TPC	tempo de preenchimento capilar
TR	temperatura retal
UCS Zoo	Zoológico da Universidade de Caxias do Sul
UI	Unidade Internacional
UTA	Unidade de tratamento animal
®	Marca Registrada

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. DESCRIÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO	15
3. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	25
3.1 CASUÍSTICAS	29
3.1.1 Procedimentos e atividades acompanhadas e/ou realizadas no UCS Zoo e no IHVET ..	29
3.1.2 Clínica médica e cirúrgica	31
3.1.3 Animais de vida livre	33
4. RELATOS DE CASOS CLÍNICOS.....	35
4.1 MANEJO E ABORDAGEM TERAPÊUTICA DE PROLAPSO RETAL E PODODERMATITE EM TATU-GALINHA (<i>Dasyopus novemcinctus</i>) MANTIDA EM CATIVEIRO.	35
4.1.1 Introdução	35
4.1.2 Relato de caso	36
4.1.3 Discussão	42
4.1.4 Conclusão	45
4.2 PROTOCOLO TERAPÊUTICO CONSERVADOR EM JABUTI-TINGA (<i>Chelonoidis denticulata</i>) DIAGNOSTICADA COM DISTOCIA.....	45
4.2.1 Introdução	45
4.2.2 Relato de caso	46
4.2.3 Discussão	49
4.2.4 Conclusão	50
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	52
ANEXOS.....	56

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o atendimento clínico de animais silvestres e pets não convencionais tem ganhado grande destaque e relevância na medicina veterinária. Com o aumento da interação entre humanos e a fauna silvestre, seja por meio de tutores de pets não convencionais ou pela necessidade de reabilitação de indivíduos resgatados, a atuação de especialistas nessa área tem se tornado fundamental para garantir o bem-estar e a saúde desses animais.

O estágio curricular obrigatório representa umas das etapas mais importantes durante a graduação, e realizar essa etapa na área de animais silvestres e pets não convencionais proporciona uma experiência enriquecedora, podendo vivenciar de perto os desafios e responsabilidades envolvidos no manejo e tratamento desses animais, além de adquirir inúmeros conhecimentos desde a clínica médica de animais silvestres até as práticas de conservação, reabilitação e preservação de fauna.

O estágio na área de clínica médica e cirúrgica de animais silvestres e pets não convencionais foi realizado no Zoológico da Universidade de Caxias do Sul (UCS Zoo) e no Instituto Hospitalar Veterinário (IHVET), ambos localizados na Universidade de Caxias do Sul (UCS) em Caxias do Sul/RS. O período de estágio ocorreu do dia 10 de março de 2025 ao dia 20 de maio de 2025, totalizando 417 horas. A estagiária durante esse período ficou sob a supervisão do Biólogo Cristiano Dalla Rosa, e orientação da professora M.V. Me. Mariana Polesso Mazzuchini.

Este trabalho teve como objetivo descrever os locais de estágio, as atividades e casuísticas realizadas e acompanhadas durante esse período, além de relatar dois casos clínicos específicos: um de manejo e tratamento de prolapso retal e pododermatite em uma tatu-galinha (*Dasypus Novemcinctus*) criada em cativeiro, e outro de protocolo terapêutico conservador em uma jabuti-tinga (*Chelonoidis denticulata*) pertencente ao plantel do Zoológico com distocia.

2. DESCRIÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO

Localizado na Universidade de Caxias do Sul, na Rua Francisco Getúlio Vargas, nº 1130, em frente ao Instituto Hospitalar Veterinário (IHVET), o Zoológico da Universidade de Caxias do Sul (UCS Zoo) (Figura 1), foi inaugurado em 1997 com o objetivo de recuperação e acolhimento aos animais vítimas de maus tratos ou abandono, além de ser também um espaço para visitação e educação ambiental. Em 1999 o Serpentário (Figura 4A) foi inaugurado, com o intuito de abrigar diferentes tipos de espécies, como os répteis.

Figura 1 – Fachada e entrada principal do UCS Zoo.



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

O zoológico foi fundado tendo como um dos seus grandes pilares a Conservação Animal, que visava à preservação da fauna e a reabilitação dos animais silvestres vítimas de maus tratos. Em 2022, foi inaugurado o IHVET (Figura 2), um dos maiores complexos de saúde animal do Rio Grande do Sul, que junto ao UCS Zoo, atuavam no acolhimento, diagnóstico, tratamento e soltura dos animais aptos e em condições para retornar ao seu habitat natural.

Figura 2 – Fachada Instituto Hospitalar Veterinário da Universidade de Caxias do Sul.



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Devido à pandemia, a visitação pública ao UCS Zoo foi suspensa seguindo os protocolos de segurança sanitárias definidos pelos órgãos de Saúde. A reabertura do zoológico para visitação pública aconteceu em dezembro de 2024, com uma estrutura totalmente revitalizada respeitando o meio ambiente e a segurança dos animais. As visitas ao público aconteciam aos finais de semana na parte da tarde, eram conduzidas por monitores especializados. Eles enfatizavam a relevância da preservação da fauna, o papel do zoológico na defesa da biodiversidade e esclareciam dúvidas em geral.

Além da reabertura ao público, o UCS Zoo tinha programas e ações educacionais em parceria com a Pró-Fauna Serra e a comunidade escolar, que abordavam ações e atividades práticas voltadas para educação ambiental, conscientização, preservação de fauna e meio ambiente.

A equipe do UCS Zoo era composta por dois responsáveis técnicos (RT), sendo um biólogo e um médico veterinário, uma aprimoranda em clínica e cirurgia de animais selvagens, quatro auxiliares de laboratório, responsáveis pela alimentação e limpeza dos recintos, uma auxiliar de limpeza e funcionários terceirizados. Além disso, o zoológico também contava com dois bolsistas, estudantes de medicina veterinária, e quatro monitores,

também estudantes de medicina veterinária, que conduziam as visitas escolares que ocorriam nas terças e quintas-feiras, e visitas ao público, aos finais de semana.

O UCS Zoo contava com uma área física composta por 27 recintos externos (Figura 3) onde abrigavam 108 animais pertencentes ao bioma regional da Mata Atlântica. Esses indivíduos eram distribuídos em 48 espécies, incluindo mamíferos, aves e répteis, sendo a maioria nativa da região da Serra Gaúcha.

Figura 3 – Exemplos de recintos externos do UCS Zoo.



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Os mamíferos somavam um total de 32 espécies, conforme apresentado na Tabela 1. Entre eles, os bugios (*Alouatta guariba clamitans*) representavam a maioria desses indivíduos correspondendo a 12,50% (n=4), seguido dos quatis (*Nasua nasua*), somando 9,38% (n=3) dos indivíduos.

Tabela 1 – Espécies e quantidades de mamíferos pertencentes ao plantel do Zoológico da Universidade de Caxias do Sul (UCS Zoo) durante o período de estágio curricular.

Nome comum	Nome científico	Total	%
Bugio-ruivo	<i>Alouatta guariba clamitans</i>	4	12,50%
Quati	<i>Nasua nasua</i>	3	9,38%
Capivara	<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	2	6,25%
Cutia-amarela	<i>Dasyprocta azarae</i>	2	6,25%
Furão-pequeno	<i>Galictis cuja</i>	2	6,25%
Graxaim-do-campo	<i>Lycalopex gymnocercus</i>	2	6,25%
Macaco-prego	<i>Sapajus nigritus</i>	2	6,25%
Sagui-de-tufo-branco	<i>Callithrix jacchus</i>	2	6,25%
Sagui-de-tufo-preto	<i>Callithrix penicillata</i>	2	6,25%
Gambá-de-orelha-branca	<i>Didelphis albiventris</i>	1	3,13%
Gato-do-mato-grande	<i>Leopardus geoffroyi</i>	1	3,13%
Graxaim-do-mato	<i>Cerdocyon thous</i>	1	3,13%
Gato-maracajá	<i>Leopardus wiedii</i>	1	3,13%
Jaguatirica	<i>Leopardus pardalis</i>	1	3,13%
Veado-mão-curta	<i>Mazama nana</i>	1	3,13%
Veado-virá	<i>Mazama gouazoubira</i>	1	3,13%
Mão-pelada	<i>Procyon cancrivorus</i>	1	3,13%
Ouriço-cacheiro	<i>Coendou prehensilis</i>	1	3,13%
Paca	<i>Cuniculus paca</i>	1	3,13%
Puma	<i>Puma concolor</i>	1	3,13%
TOTAL		32	100%

Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Para as aves, havia diversos recintos, entre eles um recinto grande dividido em três áreas, no qual diferentes espécies de psitacídeos eram abrigadas. O grupo predominante era dos papagaios, que representavam 46,89% (n=15) dos indivíduos como mostra na Tabela 2. Esses ocupavam o recinto principal, no qual era ajustado conforme suas necessidades específicas.

Tabela 2 – Espécies e quantidades de aves pertencentes ao plantel do Zoológico da Universidade de Caxias do Sul (UCS Zoo) durante o período de estágio curricular.

(continua)

Nome comum	Nome científico	Total	%
Papagaio-verdadeiro	<i>Amazona aestiva</i>	9	28,13%
Papagaio-charão	<i>Amazona pretrei</i>	5	15,63%
Gavião-carcará	<i>Caracara plancus</i>	3	9,38%
Arara-canidé	<i>Ara ararauna</i>	2	6,25%

			(conclusão)
Caturrita	<i>Myiopsitta manachus</i>	2	6,25%
Gavião-carijó	<i>Rupornis magnirostris</i>	2	6,25%
Gavião-carrapateiro	<i>Milvago chimachima</i>	2	6,25%
Gavião-cauda-curta	<i>Buteo brachyurus</i>	2	6,25%
Tucano-de-bico-verde	<i>Ramphastos dicolorus</i>	2	6,25%
Jandaia híbrida	<i>Aratinga sp.</i>	1	3,13%
Gralha-azul	<i>Cyanocorax caeruleus</i>	1	3,13%
Papagaio-do-mangue	<i>Amazona amazonica</i>	1	3,13%
TOTAL		32	100%

Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

O serpentário (Figura 4A) era composto por 13 recintos (Figura 4B), todos equipados com sistemas de temperatura e umidade, que proporcionavam condições adequadas para as diferentes espécies de répteis, como as serpentes, que somavam 31,81% (n=14) indivíduos, além do dragão-barbudo (*Pogona vitticeps*) e a iguana-verde (*Iguana iguana*) observadas na tabela 3. Já os cágados (*Phrynops*), eram mantidos em um recinto externo com lago, enquanto os jabutis (*Chelonoidis*) e o teiú (*Salvator merianae*) ficavam em outro recinto externo.

Tabela 3 – Espécies e quantidades de répteis pertencentes ao plantel do Zoológico da Universidade de Caxias do Sul (UCS Zoo) durante o período de estágio curricular.

Nome comum	Nome científico	Total	%
Tigre-da-água-californiana	<i>Trachemys scripta elegans</i>	10	22,73%
Cobra-do-milho	<i>Pantherophis guttatus</i>	6	13,64%
Jabuti-piranga	<i>Chelonoidis carbonaria</i>	5	11,36%
Cágado-de-barbelas	<i>Phrynops hilarii</i>	5	11,36%
Cágado-de-barbicha	<i>Phrynops geoffroanus</i>	4	9,09%
Cascavel	<i>Crotalus durissus</i>	3	6,82%
Cotiara	<i>Bothrops cotiara</i>	1	2,27%
Dragão-barbudo	<i>Pogona vitticeps</i>	1	2,27%
Iguana-verde	<i>Iguana iguana</i>	1	2,27%
Jabuti-tinga	<i>Chelonoidis denticulata</i>	1	2,27%
Jararaca-da-mata	<i>Bothrops jararaca</i>	1	2,27%
Jiboia amazônica	<i>Boa constrictor constrictor</i>	1	2,27%
Jiboia-arco-íris	<i>Epicrates cenchria</i>	1	2,27%
Muçurana-parda	<i>Paraphimophis rusticus</i>	1	2,27%
Tartaruga-de-barriga-vermelha	<i>Pseudemys nelsoni</i>	1	2,27%
Teiú-brasileiro	<i>Salvator merianae</i>	1	2,27%
Tigre-d'água-brasileira	<i>Trachemys dorbigni</i>	1	2,27%
TOTAL		44	100%

Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Também, dentro do serpentário, havia uma sala (Figura 4C) com mesa, cadeiras e computador para estudos e reuniões, uma sala para procedimentos com uma mesa de inox, uma pia para higienização, lixeiras, um quadro branco, um banheiro e uma sala de armazenamento (Figura 4D) com caixas de plásticos, materiais para enriquecimento e educação ambiental, entre outros.

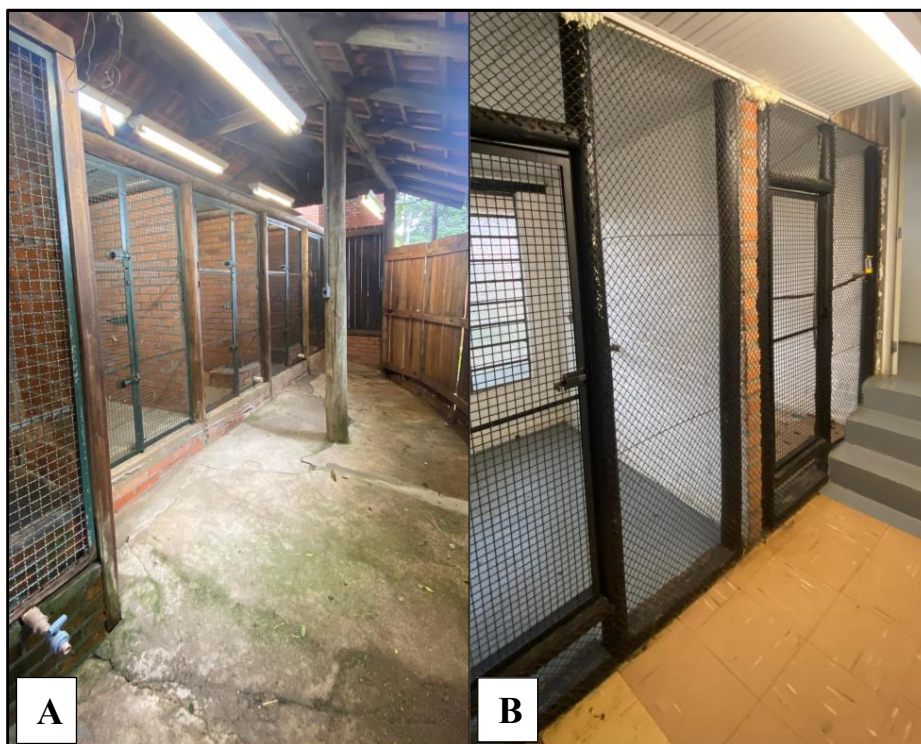
Figura 4 – Serpentário do UCS Zoo. (A) Fachada do Serpentário. (B) Recintos do Serpentário. (C) Sala de estudos/reuniões. (D) Sala de armazenamento.



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Ainda no zoológico, havia um setor chamado “Extra” (Figura 5A), com 10 recintos, que serviam tanto como internação para abrigar animais em reabilitação para posterior soltura, como também para isolamento ou tratamentos. Além do setor Extra, o zoológico possuía também quatro recintos internos (Figura 5B), que eram utilizados tanto como alojamento como também para internação de animais em tratamento do plantel ou de novos animais.

Figura 5 – Recintos de internação e alojamento no UCS Zoo. (A) Setor Extra. (B) Recintos internos.



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Além disso, possuía também uma cozinha (Figura 6A) para preparo e armazenamento dos alimentos para os animais, com uma geladeira, dois refrigeradores, um freezer, um fogão, uma mesa de inox, uma pia para higienização, armários com louças e eletrodomésticos e uma balança. Também havia uma sala de armazenamento (Figura 6B) para rações, frutas e verduras, um escritório dos RT's, uma copa (Figura 6C) e vestiário para funcionários, um banheiro, uma sala de necropsia (Figura 6D), uma sala de armazenamento com caixas de papelão, feno, caixas de transporte e gaiolas e um ambulatório.

Figura 6 – (A) Cozinha para preparo de alimentos. (B) Sala de armazenamento. (C) Copa dos funcionários. (D) Sala de necropsia.



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

O ambulatório do UCS Zoo (Figura 7) realizava atendimentos exclusivamente para os animais que necessitavam de cuidados pertencentes ao plantel ou para revisões de rotina, enquanto aqueles provenientes de outros locais, como a Patrulha Ambiental da Brigada Militar (PATRAM), por exemplo, eram encaminhados primeiramente ao ambulatório do setor de silvestres do IHVET. O ambulatório era composto por duas mesas de inox para procedimentos, duas balanças de diferentes tamanhos, um quadro branco para anotações e lembretes diários, pia, um ar condicionado, lixeiras, armários e prateleiras contendo medicações e suprimentos como luvas, gaze, algodão, álcool, solução fisiológica, água oxigenada, clorexidina, seringas, cateteres, equipos, estetoscópio, termômetro, lupa, oftalmoscópio, glicosímetro, frascos e tubos para coletas de sangue e material biológico, entre outros. Próximo à mesa de procedimento havia também um aparelho de anestesia inalatória e um cilindro de oxigênio.

Figura 7 – Ambulatório do UCS Zoo.



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Já no IHVET, havia o setor de silvestres (Figura 8A) que era destinado para internação de animais silvestres em geral e um consultório de especialidades (Figura 8D) para consultas particulares de pets não convencionais. O setor de silvestres era composto por uma mesa de procedimentos em inox, duas balanças, um micro-ondas, um frigobar, 11 gaiolas (Figura 8C) para alojamento dos animais, duas unidades de tratamento animal (UTA) (Figura 8B), uma incubadora, uma pia para higienização, um ar-condicionado e armários com suprimentos para curativos, coleta de exames, acessos venoso, administração de medicações, entre outros.

Figura 8 – Setores e consultórios dentro do IHVET. (A) Setor de atendimento de Animais Silvestres. (B) Exemplos de incubadora e UTA do setor de silvestres. (C) Exemplos de gaiolas do setor de silvestres. (D) Consultório clínico de especialidades.



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Além do setor de silvestres e do consultório de especialidades, as salas de radiografia, ultrassonografia (Figura 9) e tomografia eram utilizadas também como locais complementares para diagnóstico e tratamento dos animais.

Figura 9 – Sala de ultrassonografia. Na imagem, contenção física para exame abdominal em fêmea de bugio-ruivo (*Alouatta guariba*) com suspeita de prenhez.



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

3. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

O turno de trabalho da estagiária curricular ocorria de segunda à sexta-feira, das 08h às 17h, com uma hora de intervalo, além de finais de semana intercalados pela manhã. Durante a parte da manhã, os estagiários curriculares, bolsistas e auxiliares eram responsáveis pelo preparo da alimentação e limpeza dos recintos do plantel, setor Extra e internação. Um dos objetivos principais desta etapa era avaliar o comportamento alimentar de cada espécie, observando se estavam se alimentando adequadamente, bem como a coloração e a consistência das fezes. Caso fosse identificado algum problema, era necessário comunicar os RT's para que as devidas providências fossem tomadas.

Os estagiários também realizavam atividades de enriquecimento ambiental, sempre sob a supervisão do biólogo responsável. Entre algumas das atividades realizadas, destacava-se o enriquecimento alimentar, no qual era destinado para alguns primatas, como os bugios-ruivo (*Alouatta guariba*) com dobraduras de papel pardo contendo verduras e pinhões (Figura 10A) e para psitacídeos com caixas de ovos forradas com pinhões e feno (Figura 10B).

Figura 10 – Enriquecimentos alimentares para os animais do plantel do zoológico. (A) Dobradura de papel pardo com couve e pinhão para bugios-ruivo. (B) Caixas de ovo forrageadas com pinhões para psitacídeos.



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Tanto no ambulatório do UCS Zoo quanto no setor de silvestres do IHVET a estagiária curricular auxiliava e acompanhava o médico veterinário nos procedimentos com os animais do plantel ou vindos de vida livre. Suas atividades incluíam auxiliar no exame clínico geral, como contenção, pesagem, aferição de temperatura, ausculta, microchipagem, avaliação do tempo de preenchimento capilar (TPC), hidratação, coloração das mucosas, entre outras avaliações que variavam dependendo da espécie do animal que estava sendo atendido.

Durante a internação, era de responsabilidade dos estagiários a limpeza e alimentação dos animais internados, como também a observação contínua dos mesmos. Sob orientação, a estagiária realizava atividades como limpezas de feridas, trocas de curativos e talas, administração de medicações subcutâneas, intramusculares, orais e tópicas, além de coletas de amostras biológicas. Outras atividades incluíam fluidoterapia subcutânea e endovenosa, oxigenioterapia e sondagens para alimentação. Também era de responsabilidade dos estagiários a organização e higienização do setor ao término dos procedimentos, descarte correto dos materiais utilizados, além da montagem de recintos para os animais que ficavam internados no zoológico.

Os recintos destinados aos animais internados para posterior reabilitação e soltura eram planejados e montados no zoológico de forma a reproduzir ao máximo as características de seu habitat natural (Figura 11). Além disso, os estagiários eram orientados a seguirem protocolos de manejo para minimizar o contato humano e assim garantir uma soltura bem-sucedida, evitando qualquer tipo de “imprinting” com seres humanos.

Figura 11 – Exemplo de um recinto montado no setor Extra para um tucano-de-bico-verde (*Ramphastos dicolorus*) para posterior soltura.



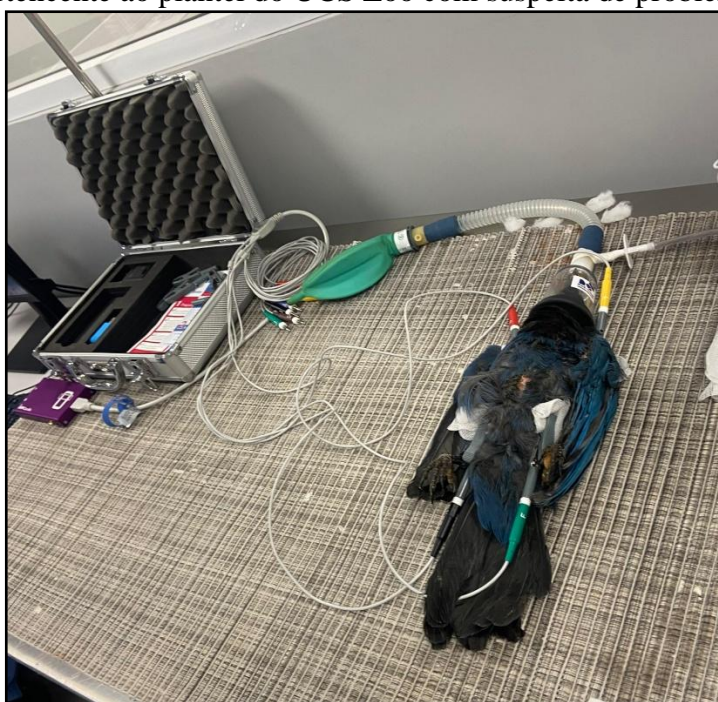
Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Todos os animais do plantel do zoológico possuíam prontuários detalhados, com fichas do seu atendimento clínico inicial (Anexo A) contendo seu histórico, origem, sexo, peso, idade aproximada etc. E após, outra ficha (Anexo B) era utilizada e atualizada sempre que exames e procedimentos clínicos, de rotina ou emergenciais eram realizados.

Já no IHVET, havia fichas de requisições, internações (Anexo C), cirúrgicos, óbitos, entre outros. As fichas de internação, por exemplo, continham nome, espécie, idade, sexo, peso, suspeita clínica, sinais clínicos e o nome do tutor ou responsável. Em casos de internações de pets não convencionais, eram identificados pelo nome do tutor. Já os animais trazidos pela Patrulha Ambiental da Brigada Militar (PATRAM), pela Secretaria Estadual do Meio Ambiente (SEMMA), pela Rede de Proteção Ambiental e Animal (REPRAAS) ou pelo zoológico, quando pertencentes ao plantel, eram registrados com o responsável indicado. Essas fichas também possuíam local para anotações dos parâmetros vitais do paciente, como frequência cardíaca (FC), frequência respiratória (FR), pressão arterial sistólica (PAS), temperatura retal (TR), mucosas, tempo de preenchimento capilar (TPC), glicemia, avaliação de presença e aspecto de urina e fezes, e peso diário. Também havia um local com anotação dos fármacos administrados com dose, volume, frequência, via de administração e horários.

A estagiária curricular também auxiliava na contenção e manejo dos animais para a realização de exames complementares, como radiografia, ultrassonografia, tomografia e eletrocardiograma (Figura 12). Além dessas atividades, fazia parte do Grupo de Estudos de Animais Selvagens (GEAS) da Universidade de Caxias do Sul, coordenado pelo médico veterinário RT do UCS Zoo e pelo professor biólogo Guilherme Brambatti Guzzo. Também participava de ações no zoológico com atividades voltadas para o público, promovidas pela universidade.

Figura 12 – Eletrocardiograma realizado no IHVET em gralha-azul (*Cyanocorax caeruleus*), 23 anos, pertencente ao plantel do UCS Zoo com suspeita de problema cardíaco.



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Nos procedimentos cirúrgicos realizados, a estagiária era responsável junto dos outros estagiários pela organização e preparação dos materiais, além do planejamento das medicações pré-anestésicas (MPA), tarefa que era realizada em conjunto com a aprimorada de clínica médica e cirúrgica de animais selvagens e sob supervisão do médico veterinário. Entre as funções, destacavam-se o auxílio e realização dos cálculos das doses, tricotomia do local, aplicação das medicações, preparo de fluidoterapia e bolsas de água quente (quando necessário), além do monitoramento dos sinais vitais. Após o procedimento, também prestava assistência nos cuidados pós-operatórios e higienização do local.

3.1 CASUÍSTICAS

3.1.1 Procedimentos e atividades acompanhadas e/ou realizadas no UCS Zoo e no IHVET

Durante o período de estágio curricular obrigatório foram realizados um total de 220 procedimentos em animais no UCS Zoo. A Tabela 4 apresenta os procedimentos e atividades que foram acompanhadas e/ou realizadas durante o estágio curricular.

Tabela 4 – Procedimentos e atividades realizadas e/ou acompanhadas durante o período de estágio curricular no UCS Zoo.

Procedimentos	Mamíferos	Répteis	Aves	Total	%
Administração de medicação via oral	7	0	42	49	22,27%
Pesagem	10	0	12	22	10,0%
Aplicação de medicação via intramuscular	16	0	3	19	8,64%
Transferência de recinto	2	7	10	19	8,64%
Exame clínico	4	0	12	16	7,27%
Soltura	0	2	13	15	6,82%
Preparo de recinto	3	0	10	13	5,90%
Recebimentos	0	0	10	10	4,55%
Administração de antiparasitário	8	0	0	8	3,64%
Enriquecimento ambiental	3	0	4	7	3,18%
Administração de medicação via subcutânea	4	0	0	4	1,82%
Administração de medicação via tópica	1	0	3	4	1,82%
Coleta de sangue	4	0	0	4	1,82%
Aplicação de medicação via intravenosa	3	0	0	3	1,36%
Coleta de material biológico	3	0	0	3	1,36%
Limpeza de feridas	0	0	3	3	1,36%
Necropsia	2	1	0	3	1,36%
Oxigenoterapia	3	0	0	3	1,36%
Sutura cirúrgica	2	0	1	3	1,36%
Sedações	3	0	0	3	1,36%
Aferição de parâmetros	2	0	0	2	0,91%
Realização e/ou trocas de curativos	0	0	2	2	0,91%
Fluidoterapia	2	0	0	2	0,91%
Microchipagem	0	0	1	1	0,45%
PCR ¹	1	0	0	1	0,45%
Venóclise	0	0	1	1	0,45%
TOTAL	83	10	127	220	100%

Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

¹ PCR: Reação em cadeia da polimerase

Entre eles, a administração de medicação por via oral destacou-se como a mais frequente durante os procedimentos realizados e acompanhados, somando 49 administrações (22,27%). É importante mencionar que, em alguns casos, esses procedimentos faziam parte de protocolos terapêuticos de uso contínuo, ou administrados mais de uma vez no dia.

Já no IHVET, o total foi de 310 procedimentos como mostra na Tabela 5. O maior percentual está representado pela aplicação de medicação por via intramuscular, 24,84% (n=77), sendo a maior predominância em aves.

Essa via é amplamente utilizada em aves devido às particularidades fisiológicas e anatômicas da espécie, sendo a administração ocorrendo principalmente na musculatura peitoral. No entanto, é fundamental realizar a aplicação com cautela, pois alguns medicamentos podem causar dor e irritação no local (Cubas, 2014).

Tabela 5 - Procedimentos e atividades realizadas e/ou acompanhadas durante o período de estágio curricular no IHVET.

(continua)

Procedimentos	Mamíferos	Répteis	Aves	Total	%
Aplicação de medicação via intramuscular	35	0	42	77	24,84%
Administração de medicação via oral	11	0	20	31	10,0%
Exame clínico	16	1	9	26	8,39%
Radiografia	9	3	10	22	7,10%
Aferição de parâmetros	12	0	5	17	5,48%
Aplicação de medicação via tópica	7	0	6	13	4,19%
Fluidoterapia	4	0	9	13	4,19%
Pesagem	7	1	5	13	4,19%
Gavagem	0	0	11	11	3,55%
Aplicação de medicação via intravenosa	6	3	1	10	3,23%
Aplicação de medicação via subcutânea	10	0	0	10	3,23%
Coleta de sangue	6	1	2	9	2,90%
Realocação para o Extra ou plantel Zoo	1	2	6	9	2,90%
Limpeza de feridas	3	1	4	8	2,58%
Realização ou trocas de talas/curativos	4	0	3	7	2,26%
Aferição de glicemia	6	0	0	6	1,94%
Venóclise	4	0	2	6	1,94%
Sedações	3	0	2	5	1,61%
Administração de antiparasitário	0	0	3	3	0,97%
Oxigenoterapia	2	0	1	3	0,97%
Ultrassonografia	3	0	0	3	0,97%
Coleta de material biológico	0	0	2	2	0,65%

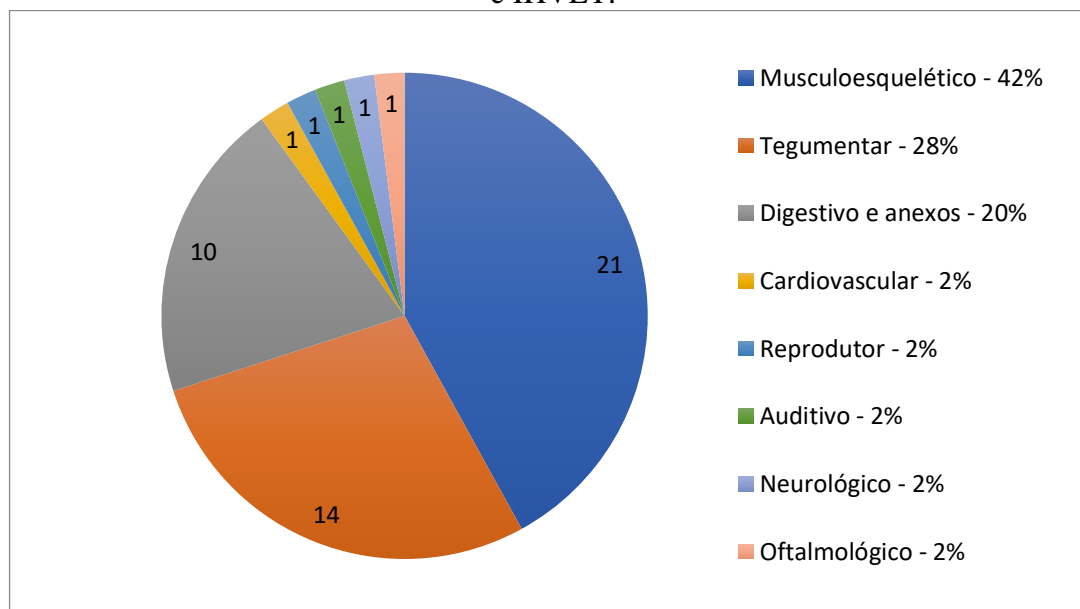
Eletrocardiografia	0	0	1	1	(conclusão) 0,32%
Enema	1	0	0	1	0,32%
Eutanásia	0	0	1	1	0,32%
Sondagem uretral	1	0	0	1	0,32%
Sutura	1	0	0	1	0,32%
Tomografia computadorizada	1	0	0	1	0,32%
TOTAL	153	12	145	310	100%

Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

3.1.2 Clínica médica e cirúrgica

A maior casuística acompanhada durante o período de estágio curricular na rotina clínica deve-se às afecções do sistema musculoesquelético, totalizando 42% (n=21) dos casos, como observado no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Casos clínicos acompanhados durante o período de estágio curricular no UCS Zoo e IHVET.



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Já as alterações de maior percentual (42%), somando 21 casos, foram às fraturas, como descrito na Tabela 6. Essas afecções, na maioria das vezes, eram provenientes de animais de vida livre que chegavam para atendimento após sofrerem traumas causados pelo ambiente antrópico, sendo os acidentes em rodovias uma das principais causas dessas lesões.

Tabela 6 – Afecções acompanhadas na rotina de atendimentos clínicos do UCS Zoo e IHVET durante o período de estágio curricular.

Afecção	Mamíferos	Répteis	Aves	Total	%
Fraturas ^{1 2}	9	0	12	21	42,0%
Ectoparasitoses	8	0	2	10	20,0%
Endoparasitoses	4	0	0	4	8,0%
Pododermatite	1	0	3	4	8,0%
Anorexia	0	1	1	2	4,0%
Cardiomiopatia	0	0	1	1	2,0%
Distocia	0	1	0	1	2,0%
Fecaloma	1	0	0	1	2,0%
Hiperdontia	1	0	0	1	2,0%
Lipidose hepática	0	1	0	1	2,0%
Otite	1	0	0	1	2,0%
Prolapso retal	1	0	0	1	2,0%
Trauma crânio encefálico	0	0	1	1	2,0%
Úlcera de córnea	0	0	1	1	2,0%
TOTAL	26	3	21	50	100%

Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

¹ Diagnóstico baseado em radiografia

² Diagnóstico baseado em anamnese e exame clínico

Para a maioria dos diagnósticos dessas afecções, a radiografia era um exame complementar essencial para estabelecer o diagnóstico e definir o protocolo terapêutico adequado. Em alguns casos, o tratamento para essas afecções exigia intervenção cirúrgica. A Tabela 7 apresenta os procedimentos cirúrgicos acompanhados durante o período de estágio curricular.

Tabela 7 – Procedimentos cirúrgicos acompanhados durante o período de estágio curricular no UCS Zoo e IHVET.

Procedimento	Mamífero	Réptil	Ave	Total	%
Amputação de membro torácico	1	0	0	1	20,0%
Desbridamento de feridas	1	0	0	1	20,0%
Osteossíntese	1	0	0	1	20,0%
Remoção dentes molares e pré-molares	1	0	0	1	20,0%
Reposicionamento retal	1	0	0	1	20,0%
TOTAL	5	0	0	5	100%

Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

3.1.3 Animais de vida livre

Muitos animais de vida livre foram recebidos e atendidos durante o período de estágio curricular. A Tabela 8 mostra as diferentes espécies e quantidades de animais recebidos por órgãos ambientais estaduais durante esse período.

Tabela 8 – Espécies e quantidade de animais de vida livre recebidos por órgãos ambientais durante o período de estágio curricular no IHVET e UCS Zoo.

Nome comum	Nome científico	Classe	Total	%
Gambá-de-orelha-branca	<i>Didelphis albiventris</i>	Mamífero	11	25,0%
Tico-tico	<i>Zonotrichia capensis</i>	Ave	5	11,36%
Tucano-de-bico-verde	<i>Ramphastos dicolours</i>	Ave	5	11,36%
Gavião-carrapateiro	<i>Milvago chimachima</i>	Ave	3	6,84%
Cardeais	<i>Paroaria coronata</i>	Ave	2	4,55%
Corujinha-do-mato	<i>Megascops choliba</i>	Ave	2	4,55%
Tigra-d'água-brasileira	<i>Trachemys dorbigni</i>	Réptil	2	4,55%
Bugio-ruivo	<i>Alouatta guariba</i>	Mamífero	1	2,27%
Coruja-buraqueira	<i>Athene cunicularia</i>	Ave	1	2,27%
Cuíca-graciosa	<i>Gracilinanus agilis</i>	Mamífero	1	2,27%
Graxaim-do-mato	<i>Cerdocyon thous</i>	Mamífero	1	2,27%
Jabuti-piranga	<i>Chelonoidis carbonaria</i>	Réptil	1	2,27%
Jaguatirica	<i>Leopardus pardalis</i>	Mamífero	1	2,27%
Macaco-prego	<i>Sapajus nigritus</i>	Mamífero	1	2,27%
Ratão-do-banhado	<i>Myocastor coypus</i>	Mamífero	1	2,27%
Sagui-de-tufo-branco	<i>Callithrix jacchus</i>	Mamífero	1	2,27%
Surucuá	<i>Trogon surrucura</i>	Ave	1	2,27%
Tamanduá-mirim	<i>Tamandua tetradactyla</i>	Mamífero	1	2,27%
Tatu-galinha	<i>Dasytus novemcinctus</i>	Mamífero	1	2,27%
Trinca-ferro	<i>Saltator similis</i>	Ave	1	2,27%
Urubu-preto	<i>Coragyps atratus</i>	Ave	1	2,27%
TOTAL			44	100%

Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

O gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*) foi a espécie mais recebida durante o período, representando 25% (n=11) entre os animais atendidos. A chegada de ninhadas era algo muito comum e rotineiro no zoológico, e isso se devia as interações negativas com o ambiente antrópico, como atropelamentos, ataques de outros animais ou agressões causadas por humanos. Entretanto, as aves, representaram o maior percentual de atendimentos, totalizando 47,74% (n=21). Esses animais frequentemente chegavam para atendimentos bem

debilitados, devido a traumas muitas das vezes, o que demandava de um exame físico bem detalhado e cuidadoso para garantir um tratamento adequado posteriormente.

Durante o período de estágio curricular no IHVET e no UCS Zoo, esses animais de vida livre receberam atendimento e foram encaminhados para diferentes destinos conforme suas condições. A Tabela 9 mostra que, 30,23% (n=13) desses animais passaram por reabilitação e foram reintegrados à natureza. Outros 11,63% (n=5) permaneceram em tratamento ou reabilitação. Entretanto, a maioria dos atendimentos (51,16%) totalizando 22 desses animais, não resistiram e foram a óbito.

Tabela 9 – Destinação dos animais de vida livre atendidos durante o período de estágio curricular no UCS Zoo e IHVET.

Destinação	Mamífero	Réptil	Ave	Total	%
Óbito	17	1	4	22	51,16%
Em tratamento ou reabilitação	2	0	3	5	11,63%
Soltura	0	0	13	13	30,23%
Realocados no plantel	0	2	0	2	4,65%
Eutanásia	0	0	1	1	2,33%
Quarentena	1	0	0	1	2,33%
TOTAL	20	3	21	44	100%

Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Esse alto índice de óbitos estava diretamente relacionado ao estado em que muitos desses animais chegavam para atendimento, muitas vezes debilitados devido a traumas graves, ou com ferimentos extensos e/ou em condições críticas. Nas tentativas de estabilizar e tratar cada caso, alguns animais normalmente não resistiam ao processo de tratamento e recuperação.

4. RELATOS DE CASOS CLÍNICOS

4.1 MANEJO E ABORDAGEM TERAPÊUTICA DE PROLAPSO RETAL E PODODERMATITE EM TATU-GALINHA (*Dasypus novemcinctus*) MANTIDA EM CATIVEIRO.

4.1.1 Introdução

O tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*), também conhecido como tatu-verdadeiro ou tatu-de-nove-bandas, pertence à classe Mammalia, ordem Xenarthra e subordem Cingulata. É a segunda maior espécie do gênero *Dasypus* (Nowak, 1999). Seu peso corporal varia de acordo com o sexo: as fêmeas pesam entre 2,0 kg e 6,5 kg, enquanto os machos variam de 5,5 kg a 7,7 kg (McBee & Barker, 1982).

É considerado um animal terrestre, possuindo ampla distribuição pela América, não sendo classificado como uma espécie ameaçada (Aguilar, 2008). Na natureza, sua dieta é variada, composta por frutas, invertebrados, ovos, pequenos vertebrados e carniça (Silva *et al.*, 2015). Já em cativeiro, sua dieta consiste em uma mistura ovos, vegetais, carne bovina ou ração para caninos, frutas, vegetais e suplementos vitamínicos (Cubas *et al.*, 2014).

O prolapso retal é uma condição pouco relatada na literatura veterinária de animais silvestres, e se caracteriza pela inversão de uma ou mais camadas do reto através do ânus (Guedes *et al.*, 2012). Segundo Merck (2020), essa afecção pode acometer diversas espécies e está associada a fatores como distúrbios nutricionais, esforços excessivos na defecação, doenças gastrointestinais, e infecções parasitárias. Por sua vez, Fowler & Miller (2008), destacam que, em mamíferos silvestres mantidos em cativeiro, o prolapso retal pode ocorrer como consequência de dietas inadequadas e episódios recorrentes de diarreia.

Já a pododermatite, é um processo inflamatório que atinge os membros posteriores causando eritema, edema, ulceração, hiperqueratose e em muitas vezes, pode levar a formação de abscessos crônicos, atingindo o tecido ósseo (Samour, 2006; Ackermann & Redig, 2009; Hawkins & Bishop, 2012). O tratamento para essa enfermidade é longo e desafiador (Teixeira, 2013), tornando a prevenção à opção mais eficaz.

Diante da escassez de informações sobre manejo e as enfermidades que acometem esses animais em cativeiro, este relato teve como objetivo descrever um caso de prolapso retal e de pododermatite em um exemplar de *Dasypus novemcinctus*, apresentando o tratamento e

manejo clínicos adotados, além de enfatizar a importância dessas patologias e do diagnóstico precoce na rotina clínica de animais silvestres.

4.1.2 Relato de caso

Durante a rotina de manejo realizada pelos estagiários no setor Extra do UCS Zoo, uma fêmea de tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*) (Figura 13), com aproximadamente seis meses de idade e pesando 2,4 kg, apresentou sinais de inquietação e um comportamento incomum para a espécie em seu recinto.

Figura 13 – Tatu-galinha da espécie *Dasypus novemcinctus*, fêmea, aproximadamente seis meses de idade, pesando 2,400 kg atendida no ambulatório do UCS Zoo na Universidade de Caxias do Sul.



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Diante da alteração comportamental, o animal foi contido e encaminhado ao ambulatório do zoológico para a realização de exame clínico. Durante a avaliação, constatou-se de imediato o prolapso retal (Figura 14). Além disso, observou-se também indícios que o animal possivelmente já vinha arranhando e arrastando o reto há alguns dias, devido a gravidade e o aspecto da lesão.

Figura 14 – Prolapso retal identificado durante exame clínico na paciente tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*).

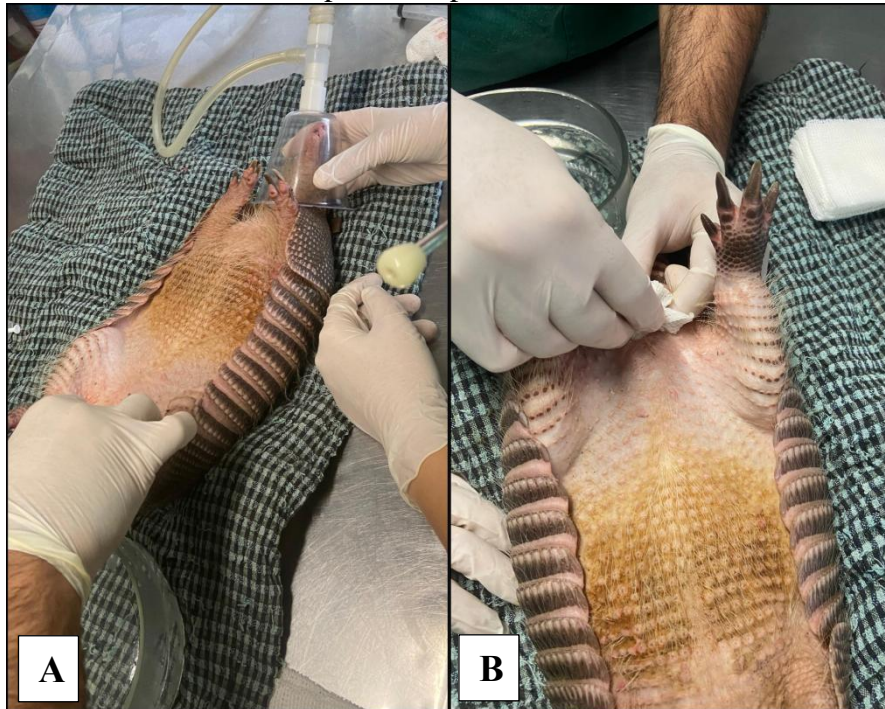


Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Dada a condição da paciente, optou-se pela aplicação de um protocolo de sedação com midazolam (0,2 mg/kg, IM) e cetamina (0,3 mg/kg, IM), ambos baseados na literatura de mamíferos, visando permitir a limpeza e a recolocação manual do reto de maneira eficiente.

Após a sedação, o animal foi mantido sob oxigenioterapia e aquecido com bolsas de água quente (Figura 15A). Em seguida, foi realizada a lavagem da mucosa retal utilizando-se compressas de gaze contendo água gelada e aplicada de forma tópica (Figura 15B). O procedimento teve como objetivo estimular a vasoconstrição, diminuindo o processo inflamatório do tecido prolapsado e facilitar a sua redução manualmente.

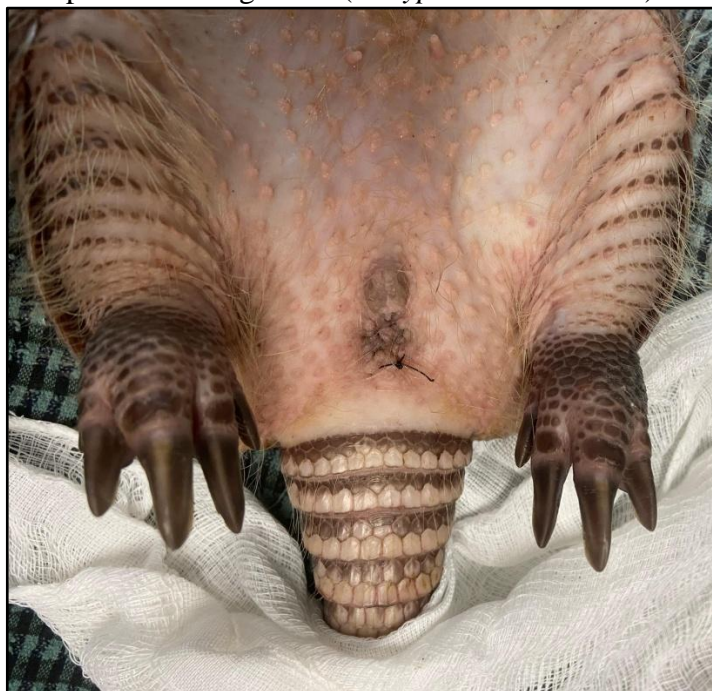
Figura 15 – Procedimento de reposicionamento retal em tatu-galinha (*Dasyurus Novemcinctus*). (A) Paciente mantida sob oxigenioterapia e aquecimento durante procedimento. (B) Lavagem da mucosa retal com compressas de gaze em água gelada aplicada topicamente.



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Durante o procedimento, o animal sofreu uma parada cardiorrespiratória, que foi prontamente revertida por meio da aplicação de atropina (0,05 mg/kg) na veia safena medial. Após a estabilização da paciente, o procedimento foi retomado, sendo o reto reposicionado anatomicamente e realizada a sutura de retenção (bolsa de tabaco) para facilitar a passagem das fezes (Figura 16).

Figura 16 – Reposicionamento anatômico do reto e sutura bolsa de tabaco, realizados na paciente tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*).



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

No período pós-operatório, foi administrado um protocolo medicamentoso com meloxicam 0,2% (0,1 mg/kg, SID, IM), enrofloxacina 10% (1,75 mg/kg, BID, IM) e tramadol (0,5 mg/kg, BID, IM) por cinco dias. Para garantir maior conforto, o animal foi transferido para outro recinto (Figura 17), com um piso menos abrasivo e com menor chance de contaminação. Além disso, a dieta foi ajustada com a inclusão de banana e mamão, com o objetivo de reduzir a porcentagem de proteína, mantendo a massa corporal da paciente, fator que pode ter influenciado no desenvolvimento do prolapso retal.

Figura 17 – Recinto no qual a paciente tatu-galinha (*Dasyurus novemcinctus*) foi transferida.

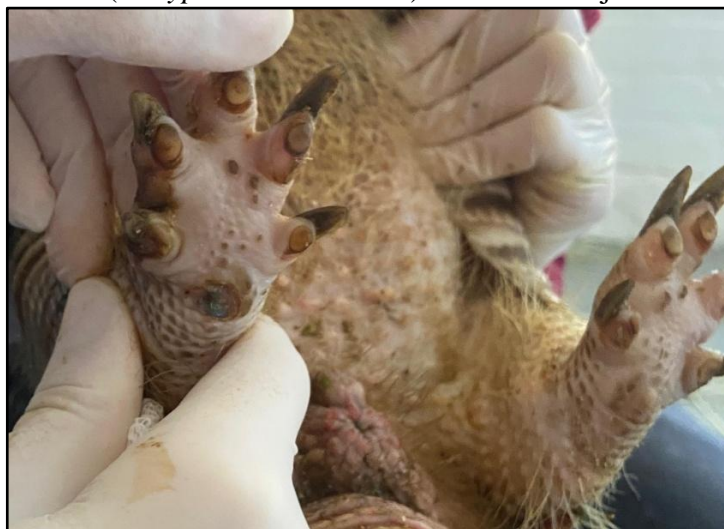


Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Alguns dias após o procedimento observou-se que o animal apresentava dificuldades para defecar, possivelmente devido a desconforto ou dor. Diante disso, a dose de tramadol foi ajustada para 2 mg/kg, BID, IM, introduzida a administração de doxiciclina (5 mg/kg, BID) por via oral e inclusão de óleo mineral (3 ml) na dieta. Também, foi utilizado um sistema de aquecimento para auxiliar na regulação da temperatura corporal e proporcionar maior conforto em dias frios. Além disso, foi percebido que o animal não consumia mais toda a sua alimentação, comportamento incomum em relação ao padrão anterior.

Diante do acompanhamento contínuo da paciente, quase um mês após a alteração clínica, foram observadas lesões de pododermatite (Figura 17) nos membros posteriores durante um manejo. Como medida de tratamento, iniciou-se a limpeza diária das lesões com lavagem utilizando-se solução salina fisiológica (NaCl 0,9%), clorexidina aquosa 4% e uso tópico de rifamicina (10 mg/ml) nas lesões. Também foi administrado vitamina K (0,5 mg/kg, SID, IM) e meloxicam 0,2% (0,1 mg/kg) SID, IM.

Figura 18 – Pododermatite identificada em membros posteriores na paciente tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*) durante manejo.



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Dias após o diagnóstico das lesões, foi adicionada uma caixa contendo substrato de fibra de coco e feno (Figura 19) no recinto da tatu-galinha. Essa medida visou reduzir a inflamação das lesões existentes, proporcionar maior conforto e bem-estar, além de auxiliar na regulação da temperatura corporal do animal.

Figura 19 – Caixa contendo substrato de fibra de coco e feno inserido no recinto da paciente tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*).



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Entretanto, um dia após a inclusão da caixa, o animal foi encontrado em estado de dispneia, demonstrando grande esforço respiratório, agitado e hipotérmico. Diante do quadro clínico, foi encaminhado ao setor de silvestres no IHVET para cuidados intensivos, porém teve uma parada cardiorrespiratória e veio a óbito. Logo após o óbito, o animal teve uma regurgitação onde foi possível observar resíduos de fibra de coco.

4.1.3 Discussão

Não há relatos na literatura sobre prolapso retal em tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*), mas a condição é comum em animais domésticos e de produção. Já em animais selvagens, o prolapso retal já foi relatado em antas (*Tapirus terrestris*) (Janssen *et al.*, 1999), gorilas (*Gorilla*) (Kalema-Zikusoka & Lowenstine, 2001), leões (*Panthera leo*) (Woodford, 1973), rinocerontes (*Rhinocerotidae*) (Stegmann *et al.*, 2001; Bertelsen *et al.*, 2004), e até tubarões, pertencentes à superordem Selachimorpha (Leguay *et al.*, 2010).

O prolapso retal em mamíferos é frequentemente associado a dietas inadequadas e episódios recorrentes de diarreia (Fowler & Miller, 2008). Segundo Merck (2020), essa condição pode afetar diversas espécies e está relacionada a fatores como doenças gastrointestinais, desequilíbrios nutricionais, esforço excessivo durante a defecação e infecções parasitárias.

O diagnóstico de prolapso deve ser identificado o mais rápido possível (Schoenian, 2006; Aronson, 2007). Pois, se não tratado prontamente, o tecido retal pode permanecer prolapsado resultando em lesões mais graves e sangramentos (Aronson, 2007). No caso em questão, o diagnóstico foi rapidamente identificado e conduzido, onde foi visto que a mucosa retal não apresentava alterações severas, como necrose tecidual, por exemplo, permitindo assim a realização de uma reposição manual.

Em animais domésticos, como cães e gatos, a resposta ao tratamento de prolapso retal normalmente é efetiva com redução manual e sutura em bolsa de tabaco, desde que o tecido se encontre viável e não se trate de processo recorrente (Fossum, 2019; Greiner, 1973). No presente relato, a eficácia da redução manual também foi confirmada sem ocorrência de recidivas. Porém, foi preciso reduzir a tração da sutura no dia seguinte ao procedimento devido à dificuldade do animal em defecar.

Segundo Cubas (2014), a manutenção de tatus em cativeiro ainda é pouco compreendida em zoológicos e criadouros brasileiros, especialmente no que diz respeito às suas necessidades nutricionais. Devido à dificuldade em garantir uma alimentação adequada

que preserve sua saúde, poucos zoológicos optam por manter esses animais. Já, Superina (2014) afirma que a adaptação de uma dieta artificial costuma ser um grande desafio para esses animais, sugerindo algumas opções de dieta observando suas preferências alimentares.

Na América Latina, a dieta mais comum oferecida aos tatus inclui uma combinação de ovos, carne bovina, frutas, legumes e suplementos vitamínicos (Cubas *et al.*, 2014). No relato descrito, a dieta fornecida ao animal, antes do surgimento da afecção, consistia em um alimento pastoso, preparado com 100 g de carne moída bovina, como aporte proteico; 40 g de beterraba cozida e 40 g de cenoura cozida, como fonte de vitaminas e minerais; uma pequena quantidade de suplemento vitamínico¹; uma colher de mel, para auxiliar na palatabilidade e aceitação do animal e cerca de 250 ml de água. Uma das possíveis causas sugeridas para o prolapso retal no *Dasybus novemcinctus* estaria relacionada ao alto teor de proteína.

Embora não haja comprovação científica na literatura sobre a relação entre dietas hiperproteicas e o desenvolvimento de prolapso retal em *cingulatus*, Cubas (2014) menciona que formulações de dietas para tatus em cativeiro, aliados à insuficiência de informações nutricionais, podem resultar em problemas clínicos como enterite, impactação gastroentérica, necrose de língua, desgaste dos dentes, e outras complicações nutricionais, como a deficiência de vitamina K, que pode causar distúrbios de coagulação e hemorragias difusas.

Além disso, em preguiças, mamíferos xenartros pertencentes ao mesmo grupo dos tatus, dietas inadequadas ou nutricionalmente desequilibradas podem resultar em diversas complicações clínicas, incluindo o prolapso retal, diarreias graves, estase digestiva, disbiose, atrofia do crescimento e urolitíase (Fowler, 2014). Em cativeiro, a criação desses animais enfrenta grandes desafios devido à falta de informações sobre sua biologia e necessidades nutricionais (Miranda, 2014). Após o procedimento, realizou-se uma correção alimentar, incorporando frutas como mamão e banana sem casca no alimento pastoso. O objetivo foi reduzir a quantidade de proteína na dieta, preservando nutrientes essenciais como ferro, fósforo, cálcio, potássio e vitaminas, além de manter o escore de massa corporal do animal.

Entretanto, dietas que incluem frutas tornam o alimento mais líquido em comparação às dietas sem frutas, o que pode ter comprometido o consumo e agravado o escore corporal da paciente em questão. Esse efeito pode estar relacionado ao fato de que os tatus capturam os alimentos com a sua língua pegajosa, semelhante à dos tamanduás, facilitando a ingestão de alimentos mais líquidos (Casali *et al.*, 2017). Sendo assim, sua dieta em cativeiro deve ser

¹ Aminomix® Forte Vetnil - suplemento vitamínico mineral aminoácido para alimentação animal. APRESENTAÇÃO - Baldes contendo 2,5kg, 5kg e 20kg.

monitorada com cuidado e atenção para evitar problemas e excessos alimentares (McNab 1985; Superina *et al.*, 2014).

De acordo com Fowler (2014), a maioria das enfermidades que acometem tatus em cativeiro está diretamente relacionada a condições inadequadas de manejo e alimentação desequilibrada. Entre os problemas de saúde mais recorrentes em *cingulatus* mantidos sob cuidados humanos, as lesões nas patas e na cauda se destacam como as mais frequentes. Um estudo conduzido pelo autor revelou que essas lesões representaram 107 dos 438 casos registrados em 44 instituições zoológicas.

A pododermatite é um desafio em centros de reabilitação de animais selvagens, pois é uma complicação comumente observada em aves e pequenos mamíferos mantidos em cativeiro (Rodríguez-Lainz *et al.*, 1997). No relato descrito a paciente apresentou lesões de pododermatite nas patas posteriores, caracterizadas por inchaço e eritema na região.

O tratamento dessa condição inclui a eliminação da causa primária, desbridamento e a limpeza das lesões, além da administração de antibióticos tópicos e/ou sistêmicos (Paterson, 2006). No caso em questão, o desbridamento não foi necessário, sendo realizada apenas a limpeza diária das lesões associada à antibioticoterapia tópica. Também foi administrado meloxicam, para aliviar a dor e a inflamação, e suplementação de vitamina k a fim de prevenir quadros relacionados a distúrbios de coagulação e hemorragias difusa (Cubas *et al.*, 2014).

No presente relato, alguns dias após o diagnóstico de pododermatite, foi inserida no recinto da tatu-galinha uma caixa com substrato de fibra de coco e feno, com o objetivo de reduzir a inflamação das lesões, proporcionar maior conforto e prevenir novas ocorrências. Uma das possíveis causas da pododermatite pode estar associada à inadequação do piso, no qual pode agravar ainda mais as lesões e levar a formação de erosões e ulcerações mais severas (Blair, 2013).

A estratégia mais eficaz para animais em cativeiro é o manejo preventivo, onde os animais devem ser mantidos em recintos apropriados e manejados corretamente de acordo com sua espécie. Além disso, é essencial oferecer uma dieta balanceada e implementar um programa de medicina preventiva associando manejo sanitário, alimentar e ambiental (Cubas *et al.*, 2014).

4.1.4 Conclusão

O manejo ambiental e nutricional adequado é essencial para a manutenção da saúde de *Dasybus novemcinctus* em cativeiro, influenciando diretamente na prevenção de enfermidades. No caso relatado, possíveis falhas na dieta e no ambiente onde a paciente foi mantida podem ter favorecido ao surgimento das lesões e doenças citadas.

O prolapso retal, apesar de ser pouco mencionado na literatura veterinária de animais silvestres, exige um diagnóstico rápido e preciso para evitar complicações. Por sua vez, a pododermatite representa um desafio significativo em indivíduos sob cuidados humanos, uma vez que seu tratamento é complexo e demanda abordagens eficazes para minimizar os danos à saúde do animal. Assim, levando em conta esses aspectos, a implementação de estratégias de manejo preventivo, aliada a práticas sanitárias, nutricionais e ambientais adequadas, é fundamental para assegurar o bem-estar dos animais em cativeiro e contribuir para o sucesso de sua reabilitação.

4.2 PROTOCOLO TERAPÊUTICO CONSERVADOR EM JABUTI-TINGA (*Chelonoidis denticulata*) DIAGNOSTICADA COM DISTOCIA.

4.2.1 Introdução

Os jabutis são répteis da família dos quelônios, caracterizados por sua vida terrestre e pertencentes à ordem dos Testudines (Pritchard *et al.*, 1990). Eles se destacam por seu corpo robusto, carapaça convexa e membros fortes, adaptados para suportar o peso do casco e facilitar a locomoção em terrenos irregulares (Cubas *et al.*, 2014).

Sua reprodução é ovípara, e fatores ambientais e nutricionais inadequados podem influenciar esse processo. Quando mantidos sob cuidados humanos, seu manejo pode se tornar mais desafiador. A ausência de um local adequado para a postura, condições de estresse e deficiências nutricionais, como hipovitaminose A, hipocalcemia e desidratação, podem resultar em distúrbios reprodutivos, como a distocia (Martinez; Hernandez, 2007).

A distocia é uma complicação no processo reprodutivo das fêmeas, caracterizada pela dificuldade na postura dos ovos, que resulta em sua retenção. Essa condição pode causar displasia fisiológica e, em alguns casos, levar à morte. Estima-se que cerca de 10% dos répteis mantidos em cativeiro sob cuidados humanos sejam afetados anualmente por esse problema (Divers *et al.*, 1996).

Os principais sinais clínicos da distocia incluem inquietação ou letargia, escavação repetitiva, secreção cloacal, redução ou ausência de apetite, edema nos membros pélvicos e dificuldade respiratória (Cubas *et al.*, 2014). Em casos de suspeita de distocia, exames complementares de imagem são essenciais para confirmar o diagnóstico e determinar o tratamento mais adequado para esses animais.

Dessa forma, este trabalho teve como objetivo relatar a eficácia terapêutica aplicada em uma jabuti-tinga (*Chelonoidis denticulata*) diagnosticada com distocia e manejada em ambiente controlado.

4.2.2 Relato de caso

Uma fêmea de jabuti-tinga (*Chelonoidis denticulata*), de 17 anos e pesando 7,650 kg (Figura 20), pertencente ao plantel do UCS Zoo, foi internada no setor de animais silvestres do IHVET após a identificação de secreção nasal durante um manejo periódico.

Figura 20 – Paciente jabuti-tinga (*Chelonoidis denticulata*), 17 anos, fêmea, pesando 7,650 kg, proveniente do plantel do UCS Zoo, recebida para atendimento no IHVET.

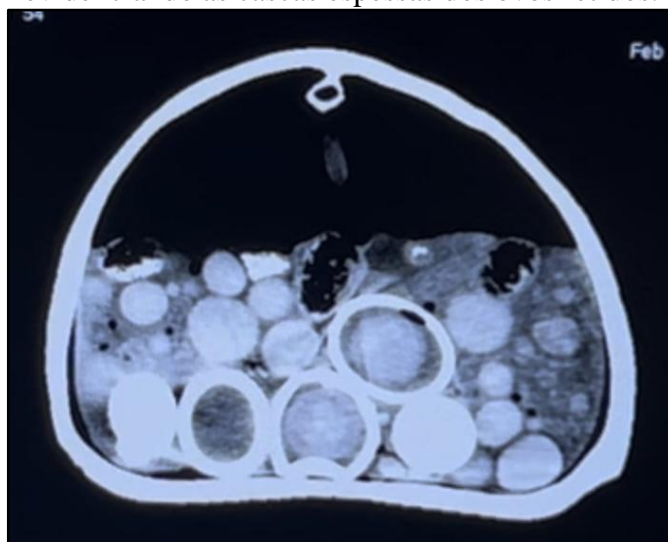


Fonte: Sofia Simas Mantovaneli (2025).

Após o exame físico inicial, nenhuma outra alteração visível foi observada. Dessa forma, foi necessário realizar um exame complementar. A radiografia foi escolhida como método complementar de diagnóstico e, por meio dos achados radiográficos, identificou-se a distocia, evidenciando a retenção dos ovos.

Para obter um diagnóstico mais preciso, alguns dias após a radiografia foi realizada uma tomografia computadorizada. As imagens tomográficas (Figura 21) revelaram sinais compatíveis com estase folicular, caracterizados pela degeneração dos folículos pré-ovulatórios.

Figura 21 – Tomografia computadorizada realizada na paciente *Chelonoidis denticulata*, evidenciando as cascas espessas dos ovos retidos.



Fonte: IHVET – UCS (2025).

Além disso, também se identificou a presença de ovos em diferentes estágios de desenvolvimento e degeneração. A análise da imagem também revelou espessamento das paredes dos ovidutos, sugerindo um possível processo inflamatório compatível com salpingite. Por fim, foi realizado um exame hematológico para complementar a avaliação, no qual não apresentou alterações significativas.

Após o diagnóstico definitivo, a paciente permaneceu internada no setor e colocada em uma UTA (Figura 22), com disponibilização de substrato de vermiculita e em condições controladas de temperatura (em média 32°C) e com umidade de 80%.

Figura 22 – Paciente *Chelonoidis denticulata* em Unidade de Tratamento Animal (UTA).



Fonte: Gabriel Guerreiro Fiamenghi (2025).

Inicialmente, a paciente foi submetida a um protocolo medicamentoso de três dias com gluconato de cálcio (25 mg/kg, SID) por via intramuscular, e banhos terapêuticos em água morna, porém não se mostrou eficaz. No quarto dia, iniciou-se o tratamento com ocitocina (5 UI/kg, IM), levando o animal a iniciar a postura uma hora após a aplicação, finalizando processo com a deposição de 10 ovos (Figura 23).

Figura 23 – Ovos cortados após postura com diferentes tamanhos, formatos e espessuras.



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

4.2.3 Discussão

O diagnóstico definitivo de distocia exige uma investigação clínica detalhada (Matias *et al.*, 2006). Os exames complementares de imagem como a radiografia e a tomografia, se mostraram fundamentais para o diagnóstico definitivo do caso relatado. Segundo Gumpenberger (2017), a presença da carapaça em quelônios dificulta o exame físico, tornando o diagnóstico por imagem essencial nesses casos.

A radiografia é um método de diagnóstico que permite visualizar a quantidade e o tamanho dos ovos, seu posicionamento, e possíveis alterações como a excessiva calcificação da casca (Matias *et al.*, 2006). Já a tomografia computadorizada oferece uma análise mais detalhada, fornecendo informações sobre número, tamanho, forma, densidade e localização dos ovos (Gumpenberger, 2001).

Entre as principais causas de distocia em répteis, o manejo inadequado se destaca, incluindo erros na dieta, ausência de um local apropriado para a postura, condições inadequadas de temperatura e o tipo de solo (Fowler *et al.*, 2001; Matias *et al.*, 2006). Em casos de distocia não obstrutiva, é essencial oferecer um ambiente adequado, com temperatura e umidade controladas. Além disso, a disponibilização de substratos apropriados para ninhos, como terra ou areia, desempenha um papel fundamental na postura, facilitando sua realização (Cubas *et al.*, 2014; Jepson, 2010). No caso relatado, a paciente passou a ter essas condições assim que foi posicionada na UTA.

Após o diagnóstico, recomenda-se a indução medicamentosa de cálcio e ocitocina para estimular as contrações do oviduto e facilitar a oviposição (Jepson, 2010). O cálcio, administrado previamente à ocitocina, tem a função de aumentar a força das contrações antes de intensificar sua frequência (Luz *et al.*, 2015). Embora haja diferentes relatos de protocolos na literatura, Carpenter (2022), recomenda a aplicação de ocitocina em três doses, com intervalos de 90 minutos. No caso relatado, a paciente realizou a postura em uma hora logo após a primeira dose de ocitocina.

A distocia em Testudines geralmente não representa uma emergência, pois as fêmeas podem reter os ovos por um longo período, diferentemente do que ocorre em serpentes e lagartos (Brannian, 1984). No entanto, quando as abordagens clínicas não invasivas não são eficazes na resolução do problema, a intervenção cirúrgica torna-se necessária para evitar a piora do quadro clínico (Divers *et al.*, 1996).

Ovos com calcificação excessiva, tamanhos variados, paredes espessadas ou aspecto irregular estão frequentemente associados à distocia em répteis (Cubas; Baptistotte, 2009). No

caso relatado, foram identificadas diversas irregularidades nas cascas, incluindo espessuras inadequadas, superfícies ásperas e finas, depósitos irregulares de cálcio com presença de múltiplas camadas, que são características que dificultam o processo na hora da postura.

4.2.4 Conclusão

O diagnóstico de distocia em répteis exige uma avaliação minuciosa, na qual os exames de imagem desempenham um papel essencial para a confirmação da enfermidade e a definição da abordagem terapêutica mais adequada. No caso relatado, a escolha pelo tratamento conservador priorizou o bem-estar da paciente, resultando em um desfecho favorável.

Dessa forma, reforça-se a importância da capacitação de médicos veterinários e profissionais de zoológicos ou instituições de conservação para identificar alterações comportamentais e sinais de doenças em répteis, garantindo o manejo adequado e bem-estar desses animais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio curricular obrigatório na área de clínica médica e cirúrgica de animais silvestres e pets não convencionais foi um componente essencial para a formação acadêmica, proporcionando um aprendizado amplo e o aprimoramento de diversas práticas veterinárias. Durante esse período, foi possível aprofundar melhor o conhecimento clínico sobre o atendimento e manejo dessas espécies, compreendendo melhor também suas particularidades e necessidades específicas.

Além disso, o contato direto com a variedade de espécies proporcionou uma experiência única na vida da acadêmica, além da experiência de acompanhar de perto o funcionamento de um zoológico, que permitiu uma visão mais clara e ampla sobre o papel dessas instituições na área de conservação e reabilitação da fauna silvestre. O contato direto com as demandas desses ambientes reforçou ainda mais a importância da atuação do médico veterinário nesses lugares, mostrando a necessidade de condutas e técnicas adequadas, além do estudo diário e conhecimento aprofundado sobre cada espécie a ser recebida.

REFERÊNCIAS

- ACKERMANN, J.; REDIG, P. Raptors *in*: TULLY, T. N.; DORRESTEIN, G. G. G.; JONES, A. K. **Handbook of avian medicine**. 2th ed. Oxford: Saunders, p. 180-214, 2009.
- AGUIAR, J. M.; DA FONSECA, A. B. **Conservation status of the Xenarthra**. In: VIZCAÍNO, S. F.; LOUGHRY, W. J. The biology of the Xenarthra. Gainesville: University Press of Florida, Cap. 21, 227 p., 2008.
- AKINRINMADE, J. F.; EYAREFE, O. D. **Rectal prolapso in an emu (*Dromaius Novaehollandiae*): a case report**. *Nigerian Veterinary Journal*, v. 32, n. 3, p. 249-251, 2011. Disponível em: <https://www.ajol.info/index.php/nvj/article/view/85227>. Acesso em: 1 mai. 2025.
- ARONSON, L. **Rectum and anus**. In Textbook of Small Animal Surgery, 3th ed. (Douglass Slatter). Saunders Elsevier Science, 2007.
- BERTELSEN, M. F.; OLBERG, R. A.; MEHREN, K. G.; SMITH, D. A. and CRAWSHAW, G. J. **Surgical management of rectal prolapse in na Indian rhinoceros (*Rhinoceros unicornis*)**. *J. Zoo Wildl. Med*, p. 245-247, 2004.
- BLAIR, J. **Bumblefoot: A comparison of clinical presentation and treatment of pododermatitis in rabbits, rodents, and birds**. The Veterinary Clinics of North America. Exotics Animal Practice, v. 16, p. 715-735, 2013.
- BRANNIAN, R. E. A soft tissue laparotomy technique in turtles. **Journal of American Veterinary Medical Association**, v. 185, p. 1416-1417, 1984.
- CARPENTER, J. W.; HARMS, C. **Carpenter's Exotic Animal Formulary**. 6th ed. Elsevier, 2022.
- CASALI, D. M.; MARTINS-SANTOS, E.; SANTOS, A. L. Q.; MIRANDA, F. R.; MAHECHA G. A. B and PERINI, F. A. **Morphology of the tongue of *Vermilingua (Xenarthra: Pilosa)* and evolutionary considerations**. *Journal of Morphology*, p. 1380-1399, 2017.
- CHITTY, J.; RAFTERY, A. **Essentials of Tortoise Medicine and Surgery**. 1th ed. Wiley Blackwell, p. 1-346, 2013.
- CUBAS, P. H.; BAPTISTOTTE, C. Chelonia (tartaruga, cágado, jabuti). In: CUBAS, Z. S.; SILVA, J. R.; CATÃO-DIAS, J. L. **Tratado de animais selvagens medicina veterinária**. São Paulo: Roca, 2009.
- CUBAS, Z. S.; SILVA, J. C. R.; CATÃO-DIAS, J. L. **Tratado de animais selvagens medicina veterinária**, 2. ed., São Paulo: Roca, 2014.
- DIVERS, S. J.; MADER, D. R. **Mader's Reptile medicine and surgery**. Elsevier Health Sciences, 1996.

DONELEY, B.; MONKS, D.; JOHNSON, R.; CARMEL, B. **Reptile Medicine and Surgery in Clinical Practice**. USA: Willey Blackwell, 2017.

FOWLER, M. E.; CUBAS, Z. S. **Biology, medicine, and surgery of South American wild animals**. Estados Unidos: Iowa State University Press, 548 p., 2001.

FOWLER, M. E.; MILLER, R. E. **Fowler's Zoo and Wild Animal Medicine**, v. 8. Elsevier Health Saunders, 2008.

FOWLER, M. E.; MILLER, R. E. **Fowler's Zoo and Wild Animal Medicine**, v. 8. Elsevier Health Saunders, 2014.

FOSSUM, T. W.; RADLINSKY, M. A. **Surgery of digestive system**. In: Fossum, T. W. Small Animal Surgery. Philadelphia: Elsevier, p. 331-511, 2019.

GALLAGHER, A. **Rectal prolapse in animals**. *Merck Veterinary Manual*. Disponível em: <https://merckvetmanual.com/digestive-system/diseases-of-the-rectum-and-anus/rectal-prolapse-in-animals>. Acesso em: 29 abr. 2025.

GREINER, T. P. Surgery of the rectum and anus. **The Veterinary clinics of North America**, 1973, p. 167-180. DOI: 10.1016/s0091-0279(72)50012-6.

GUEDES, R. L.; LINHARES, M. T.; CASTRO-JÚNIOR, I. F.; SIMEONI, C. P.; CUNHA, T. O.; GOMES, C.; BRUN M. V. & PIPPI, N. L. **Colopexia videoassistida com dois portais para o tratamento de prolapso retal recidivante**. *Ciência Rural*, p. 112-155, 2012.

GUMPENBERGER, M.; HENNINGER, W. **The use of computed tomography in avian and reptile medicine**. *Semin. Avian Exot. Pet Med.* p. 174-180, 2001.

GUMPENBERGER, M. **Diagnostic imaging of reproductive tract disorders in reptiles**. *Vet. Clin. N. Am. Exot. Anim. Pract. PubMed*, p. 327-343, 2017.

HAWKINS, M. G.; BISHOP, C. R. **Disease problems of guinea pigs: dermatologic diseases**. In: QUERSENBERRY, K.; CARPENTER, J. Editors. *Ferrets, rabbits, and rodents: clinical medicine and surgery*. 3th ed. St Louis: Saunders, p. 295-310, 2012.

HEDLUND C. H. & FOSSUM, T. W. **Surgery of the digestive system**. In: Fossum, T. W. (Ed.), *Small Animal Surgery*. St. Louis: Mosby, p. 480-530, 2007.

JANSSEN, D. L.; RIDEOUT, B. A.; EDWARDS, M. S. Tapir medicine. In: **Fowler, M. E. & MILLER, R. E.** (Eds.), *Zoo. And Wildl. Anim. Med.*, 4th ed. Saunders, Philadelphia, p. 562-568, 1999.

JEPSON, L. **Jabutis e Cágados**. In: *Clínica de Animais Exóticos*. Rio de Janeiro: Saunders Elsevier, p. 358-410, 2014.

- KALEMA-ZIKUSOKA, G.; LOWENSTINE, L. **Rectal prolapse in a free-ranging mountain gorila (*gorila beringei beringei*):** Clinical presentation and surgical management. *J. Zoo Wildl. Med.* p. 509-513, 2001.
- LEGUAY, E.; MEUNIER, E.; EVEILLARD, G.; DAFORNO, E. **Case report of surgical treatment of a *Carcharhinus plumbeus* rectal prolapse.** *Proc. Int. Conf. Dis. Zoo. Wildl. Anim.*, p. 128-130, 2010.
- LIMA, Wagner Costa *et al.* **Prolapso retal em cutia (*Dasyprocta aguti*) – Relato de caso.** *Revista Brasileira de Medicina Veterinária*, v. 4, p. 409-411, 2014. Disponível em: <https://bjvm.org.br/BJVM/article/view/561>. Acesso em: 11 abr. 2025.
- LUZ, M. R.; MÜNNICH, A.; VANNUCCHI, C. I. **Novos enfoques na distocia em cadelas.** *Revista Brasileira de Reprodução Animal. Belo Horizonte, CBRA*, v. 39, n. 3, p. 354-361, 2015. Disponível em: [http://www.cbra.org.br/pages/publicacoes/rbra/v39/n3/p354-361%20\(RB588\).pdf](http://www.cbra.org.br/pages/publicacoes/rbra/v39/n3/p354-361%20(RB588).pdf). Acesso em: 4 mai. 2025.
- MADER, D. R. **Reptile Medicine and Surgery.** 2th ed. W. B. Saunders, London. 1242 p. 2006.
- MATIAS, C. A. R. *et al.* **Aspectos fisiopatológicos da retenção de ovos em jabuti piranga (*Chelonoidis carbonaria*).** *Cienc. Rural, Santa Maria*, v. 36, n. 5, p. 1494-1500, 2006.
- MARTINEZ-JIMENEZ, D.; HERNANDEZ-DIVERS, S. J. **Emergency care of reptiles.** *Vet. Clin. Exot. Anim.*, v. 10, p. 557-585, 2007.
- MCBEE, K.; BAKER, R. J. ***Dasypus novemcinctus*. Mammalian species.** Northampton, v. 162, p. 1-9, 1982.
- MCNAB, B. K. **Energetics, population biology, and distribution of xenarthrans, living and extinct.** Washington, USA: Smithsonian Institution Press, 1985.
- MIRANDAS, F. **Cingulata (“tatus”) e Pilosa (“preguiças e tamanduás”).** In: CUBAS, Z. S.; SILVA, J. C. R.; CATÃO-DIAS, J. L. *Tratado de animais selvagens*, 2. ed. São Paulo: Roca, Cap. 33, p. 707-722, 2014
- NOWAK, R. M. **Walker’s mammals of the world**, v. 1. Baltimore and London: The John Hopkins University Press. 1936 p. 1999.
- PATERSON, S. **Skin Diseases of Exotic Pets.** 1th ed. Iowa, EUA, 344 p. 2006.
- PINKE-TESTA, C. A. E. *et al.* **Preferência alimentar de *Dasypus novemcinctus* (Linnaeus, 1758) ex-situ.** *Archives of Veterinary Science*, v. 23, n.3, p. 57-60, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5380/avs.v23i3Esp.61142>. Acesso em: 2 mai. 2025.
- RECH, C. G. *et al.* **Prolapso retal em um quati de cauda anelada (*Nasua nasua*):** Relato de caso. *Acta Scientiae Veterinariae*, 2024. DOI: 10.22456/1679-9216.135355. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/ActaScientiaeVeterinariae/article/view/135355>. Acesso em: 27 abr. 2025

RODRIGUEZ-LAINZ, A. J.; HIRD, D. W.; KASS, P. H.; BROOKS, D. L. **Incidence and risk factors for bumblefoot (pododermatitis) in rehabilitated raptors**. *Prev. Vet. Med.* p. 175-184, 1997.

SAMOUR, J. **Management of Raptors**. *In*: Harrison, G. J.; LIGHFOOT, T. L. *Clinical Avian Medicine*, Palm Beach: Spix Publishing, p. 915-956, 2006.

SANDRIN, S. B. **Distocia em Jabuti-piranga (*Chelonoidis carbonaria*) em cativeiro: Relato de caso**. PUBVET, 2022.

SCHOENIAN, S. **Rectal prolapse: a complex problem with many contributing factors**. Maryland small ruminant page, 2006. Disponível em: <http://sheepandgoat.com/articles/rectalprolapse>. Acesso em: 22 abr. 2025.

SILVA, K. F. M.; COSTA, J. F.; ANACLETO, T. C. S.; TIMO, T. P. C. **Avaliação do Risco de Extinção de *Dasybus novemcinctus* Linnaeus, 1758 no Brasil**. Processo de avaliação do risco de extinção da fauna brasileira. ICMBio, 2015.

STEGMANN, G. F.; OLIVIER, A.; LANE, E.; VOLKMANN, D. H.; HOFMEYR, M. **Rectal prolapse associated with a healed pelvic fracture in a pregnant free-ranging African black rhinoceros (*Diceros bicornis*)**. Part. 2: Surgery and necropsy. *J. S. Afr. Vet. Assoc.* p. 242-244, 2001.

SUPERINA, M.; BRIEVA, R. C.; AGUILAR, R. F.; TRUJILLO, F. **Manual de mantenimiento y rehabilitación de armadillos**. Fundación Omacha, ODL, Cormacarena, Corporinoquia, Corpometa y Bioparque Los Ocarros: Bogotá, Colômbia, 96 p. 2014.

TEIXEIRA, C. R.; NASCIMENTO, C. L.; DUTRA, G. H. P.; FERNANDES, L. T.; SABINO, C. P.; RIBEIRO, M. S.; POGLIANI, F. C.; SELLERA, F. P. **Photodynamic Therapy for Pododermatitis in Penguins**. Santos, 4 p., 2013.


WOODFORD, M. H.; **Reduction of a rectal prolapse in a wild lioness**. *J. Wildl. Dis.*, p. 178-181, 1973.

ANEXOS

**ANEXO A – FICHA DE ATENDIMENTO CLÍNICO DO ZOOLOGICO DA
UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL (UCS ZOO).**

Jardim Zoológico – Universidade de Caxias do Sul

Ficha de Atendimento Clínico



Data: _____ Origem: _____ Hora: _____

Espécie: _____ Nome: _____

Sexo: _____ Idade: _____ Peso: _____ Microchip: _____

Histórico: _____

Exame Clínico: _____

Exames Complementares: _____

Suspeita/Diagnóstico: _____

Protocolo Terapêutico: _____

Gabriel Guerreiro Fiamenghi
Médico Veterinário
CRMV/RS – 16117

Ficha nº: _____

Fonte: UCS Zoo (2025).

**ANEXO C – FICHA DE ATENDIMENTO CLÍNICO DO INSTITUTO HOSPITALAR
VETERINÁRIO DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL (IHVET).**

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL													
UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL										INTERNAÇÃO		Internado(a) dia:	
Nome:			Idade:		Sexo:		Espécie:		Raça:		Peso:		
Tutor/Responsável:				Veterinário Responsável:								Suspeita Clínica:	
PACIENTE CRÍTICO ()						INTERNAÇÃO DE ISOLAMENTO ()							
PRESCRIÇÃO													
Fármaco	[]	Dose	Vol	Freq	Via	DIA: 2025					ALIMENTAÇÃO		
												MANHÃ: Sachê () Seca () Jejum () Enteral () Não ()	
												TARDE: Sachê () Seca () Jejum () Enteral () Não ()	
												NOITE: Sachê () Seca () Jejum () Enteral () Não ()	
ELIMINAÇÕES													
												MANHÃ: Urinou () Defecou () Past. () Diar. () Não ()	
												TARDE: Urinou () Defecou () Past. () Diar. () Não ()	
												NOITE: Urinou () Defecou () Past. () Diar. () Não ()	
PARÂMETROS													
												Horário	
												FC	
												FR	
												PAS	
												TR	
OBSERVAÇÕES											Mucosas		
											TPC		
											Glicemia		

Fonte: IHVET – UCS (2025).